

PRÁTICA ANALÍTICA: LUGAR DE SOLIDÃO

Antonio Cardoso Filho

RESUMO

O artigo problematiza a prática psicanalítica a partir do lugar, nela, ocupado pelo psicanalista. Teoriza que a escuta analítica pressupõe o psicanalista destituído do seu ser, resultando no rompimento com uma posição subjetiva. Analisando detalhadamente estas questões nas suas consequências teóricas e práticas, conclui que a prática analítica não se adequa às regras da ontologia nem se fecha na conjuntura epistemológica.

ABSTRACT

This article is about the psychoanalytic practice from the perspective of the psychoanalyst's place in this practice. It theorizes that the practice of psychoanalytic listening requires the psychoanalyst's abstaining from his wishing concern so that he will be free of any individual attitude. It analyses these questions in their practices and consequences coming to the conclusion that the psychoanalytic practice doesn't correspond the rules of ontology or the epistemologic conjuncture either.

* O autor é psicanalista, professor da Univ. Fed. de Sergipe e desenvolve trabalho em diversas áreas do conhecimento através da Comissão de Cultura Humanística-CECH/UFS da qual é Presidente.

Ao falarmos aqui em prática analítica, estamos nos colocando particularmente do lado do analista. Desse indivíduo que no exercício da pragmática freudiana exime-se de si mesmo para colocar-se num lugar de suposição, e essa suposição não pode ser outra senão suposição de saber. Aqui se inicia a solidão. Enquanto colocado na mera posição de um lugar, o analista está destituído do seu nome, do seu sobrenome, dos seus títulos honoríficos, dos seus horizontes de mundo, enfim de sua ontologia. Sim, o analista radicaliza a exclusão do seu ser de pessoa porque o que está em jogo numa psicanálise não é da ordem do "onto" e muito menos da ontologia de sua particularidade pessoal. O analista cala o seu ser individual para poder dar lugar à emergência do sujeito do analisando e, quando o tema é o sujeito do inconsciente a questão é estrutural e não ontológica.

A prática freudiana é exatamente o exercício de uma des-ontologia: é um desvio das fascinações egóicas que encaminham o animal lingüístico para a tranquilidade das certezas míticas (e por que não dizer místicas?) do ser. Do ser, que preenche sempre a falta e faz vigorar a ilusão de plenitude, embora o real esteja sempre af para fazer retornar essa falta e confrontar o homem com aquilo de que ele não consegue se livrar: a marca de um vazio na estrutura de sua homênia, e mantê-lo sempre como um ser de desejo. É o campo do desejo que vai colocar-se então na mira da escuta analítica e não o campo da demanda assentada no imaginário das mitificações e nas argumentações lógicas da consciência. Para isso Freud adverte ao recomendar aos analistas que eles devem "conter todas as influências da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à "memória inconsciente"¹. Abandonar-se à "memória inconsciente" é desvencilhar-se das construções prontas ou previsíveis quer sejam referentes ao analisando quer sejam referentes a ele, analista.

Na solidão de uma escuta fluente, de uma "atenção uniformemente suspensa" como chamou Freud, o analista isenta-se de si mesmo, desconstrói-se enquanto sujeito e coloca-se no lugar de objeto. Um objeto não ausente nem nihilizado, mas aberto e vazio a provocar pela sua própria vacância o surgimento de um corte radical, o corte que está na base do sujeito em análise. Aqui, sim, se alguma ontologia pode ser posta em vigor no processo analítico é a ontologia do vazio. Não do vazio enquanto um estabelecimento de nada, mas do vazio enquanto uma falta a desdobrar-se sobre si mesma num espaço onde o ontico é o ato de recorrência dessa falta e, portanto, se estabelece no regime de uma lógica diferenciada de todas as lógicas ditas científicas.

Carência do ser, é o de que se trata na prática analítica, pois que qualquer ordem de ser não faz outra coisa senão transformar o furo do sujeito e eliminar a angústia da falta, mas se as vertentes psicológicas, psicoterápicas, portanto, se introduzem num percurso de ação referenciado no registro Imaginário, e a isso não escapam algumas instituições psicanalíticas, o novo de Freud, a saber, o espaço epistemológico freudiano é o assentamento radical da psicanálise na irreduzibilidade das articulações simbólicas em busca do encontro com o Real. É isso o que ele vem nos ensinar como diferença, ou seja, que o ser falante está sempre subdito ao Simbólico, numa articulação borromeana com o Real e com o Imaginário. Contudo, se o Real é, como diz Lacan, o que nunca cessa de se inscrever, por outro lado,

só pela via do Simbólico uma possibilidade de construção se faz e essa construção é uma construção do analisando em sua singularidade subjetiva.

O silêncio do analista apresenta-se então como uma das condições para a quebra dos fascínios imaginários e para a possibilidade de uma verdade emergir mas verdade do sujeito em análise e não do analista que como tal mantém-se isolado da alegria e da dor. A verdade do analista enquanto pessoa não há, isto é, não se põe porquanto a sua posição af é de puro desejo ou de desejo puro. Falar-se em desejo puro é remeter mais uma vez para o recolhimento de um desejo próprio, marcado por identificações, e voltar-se para o desejo do Outro. O analista suspende até mesmo o seu desejo de ser analista para fazer vigorar o desejo do analista, que guarda em si mesmo a estrutura do desejo.

Esse voltar-se para o desejo do Outro é abdicar de uma posição de subjetividade para ceder lugar à palavra. É a palavra que tem lugar na análise e a palavra enquanto linguagem em ebulição, enquanto campo de articulações significantes e não como a esteira de significados estabelecida por posturas ideológicas mesmo que essa postura seja o desejo de ser analista, nesse desejo, estando a máscara das identificações egóicas. Estabelecer-se-ia nesse caso uma relação de intersubjetividade uma vez que o analista, assentado no lugar de um eu, faz par e, como não poderia deixar de ser, faz parceria com o eu do analisando, quebrando assim toda a natureza da relação analítica e pondo em vigência uma relação dual dentro de uma ordem ontológica de registro Imaginário.

Lacan em "O desejo e sua Interpretação" já afirmou que "o sujeito está sempre a uma certa distância do seu ser nessa metonímia do ser no sujeito que é o desejo."² O analisando não conversa, o analisando não tem companhia simplesmente porque o analista em sua posição solitária não está ali enquanto um eu mas apenas enquanto um lugar; um lugar para atualização de cadeias significantes, onde um sujeito, o sujeito do analisando encontra espaço para a sua possibilidade de aparecimento. Só dando lugar ao Outro, e o Outro para o analista é o Outro do analisando, é possível advir o sujeito e essa vinda se dá pela via do desejo. Ao analista não resta senão permitir que o Outro apareça para o analisando através de sua (do analista) escuta e de sua pontuação no discurso do sujeito em análise. Para o analisando, escutar o Outro é escutar a sua própria palavra. Não "própria" no sentido de apropriação do ego, quando os significados já estão prontos na cristalização dos sentidos predeterminados, mas "própria" no sentido de **verdadeira** dentro do campo do desejo em questão. O campo do desejo em questão, insistimos, é o do analisando e não o do analista. Pode-se, é verdade, questionar sobre o seguinte: "Que analista já não se deu conta de estar cedendo ao seu desejo em sua prática e, af, de estar-se colocando enquanto um sujeito vigente?" Põe-se assim face a face com o semelhante e envereda pelas consequências que essa relação determina, preenchendo o vazio que o seu lugar deve manter sempre aberto para que a verdade do outro possa surgir. Com isso comete o pecado analítico da ambição terapêutica.

Mas numa psicanálise trata-se de ir em busca da verdade na condição ímpar de cada sujeito, que nada tem a ver com verdades universais bem ao gosto das relações de acomodação, de adaptação da etologia e, portanto, exclui as relações da

terapêutica. O analista ao ocupar o lugar do morto afasta a psicanálise de qualquer objetivo quanto a um Bem mesmo que esse venha a ser chamado de saúde. Cabe aqui a pergunta: "Que é saúde?" É um estado normal? Essa resposta é tanto ingênua quanto se verifica que o conceito de normalidade não passa de uma convenção de padrões. A tuberculose, que foi uma peste no campo médico, torna-se no século XIX, dentre os poetas românticos, um ideal a ser alcançado. O comportamento homossexual visto como anormal e marginalizante, quando não doentio, pela sociedade dita civilizada, encontra entre outros grupos culturais, como algumas comunidades indígenas aqui no Brasil, um ponto de vista de normalidade tanto quanto a heterossexualidade. Essa constatação já foi registrada por antropólogos como Lévi-Strauss (entre os Nhambiquaras: norte do Mato Grosso), Florestan Fernandes (entre os Tupinambás: designação comum a várias tribos tupi-guaranis), Thomas Gregor (entre os Mehinakus: subgrupo dos timbiras; habita, as cabeceiras do Xingu) entre outros. Entre os Mehinakus são preparados lugares onde os índios homens costumam fazer "cunin" (ter relações sexuais) uns com os outros.³ Se saúde é ainda um sentir-se bem, um não sentir-se culpado, que dizer do inverso em seu senhorio sobre a lei?

Vê-se então o quanto o conceito de saúde é vulnerável a uma multiplicidade de conjunturas que, de uma forma ou de outra, se dirige a posicionamentos ideológicos. Assim, qualquer Bem para o qual o analista se volte implica numa retirada do "modus operandi" analítico e uma entrada nos sistemas ideológicos de sustentação política dentro de uma estrutura de poder que determina o Bem e o Mal. Cai-se então na impostura de desconsiderar o sujeito em sua liberdade desejante para conduzi-lo a um Bem à revelia de sua própria verdade. Lacan não se cansou de chamar a atenção para o fato de que a psicanálise é antes de mais nada ÉTICA e não técnica e com isso ele procura resgatar a originalidade e mesmo a virulência do pensamento freudiano tão domesticado pelas leituras imaginárias. A psicanálise vivida na sua radicalidade não estabelece nenhum parâmetro ideológico, não leva a nenhuma política do imaginário e daí não pretende nenhuma saúde, nenhuma cura porquanto nesse caso está pressuposto o retorno a um estado anterior, o retorno a um Bem.

A prática analítica, enquanto experiência ética, dirige-se à verdade e anula qualquer expectativa de retorno, pois não há volta, só ida; a ida para um lugar de onde não se volta porque justamente lá é perdida a referencialidade da certeza, na medida em que não há verdade canônica, há apenas a radicalidade de uma verdade e não da verdade, em posição de dogma. Contudo esse encontro com a verdade, com um sentido não torna a psicanálise um processo hermenêutico. A análise não se volta para o encontro do analisando com os significados do seu discurso; não se trata nem mesmo de procurar descobrir que significados oferecem à sua fala, os que dela se destacam. Trata-se de, no discurso, na realização - muitas vezes recorrente - da fala, destacar as produções significantes e nesse caminho nada hermenêutico confrontar o analisando com o Real que se desvela e com isso fazê-lo vigorar no regime do significante.

Se a psicanálise veio nos dar o recado de que não há ser falante que não esteja submetido à ordem significativa, é para essa ordem que o analista aponta na soli-

dão de uma palavra in-significada. Daí porque não há um discurso contrapondo-se ao discurso do analisando. A palavra posta pelo analista opera apenas como uma **função** e aponta para a verdade no momento em que ela surge. Essa palavra dêitica, ou seja, demonstrativa está em oposição a qualquer hermenêutica. A hermenêutica se dirige ao sujeito da consciência pessoal e com isso mantém o observador numa posição de crítico fundamentado na linha do enunciado. O que o hermenêuta pretende é alcançar a compreensão adequada e essa adequação é determinada pelos objetivos de quem construiu o texto.

A palavra do analista, a palavra dêitica, entretanto, não quer significar nada em si, ela se põe apenas como o indicador e com isso renova toda a noção de interpretação analítica. Interpretar deixa, assim, de significar uma construção de sentido posta pelo analista para ser apenas uma intervenção ou um corte que racha o sentido estatuído para poder fazer surgir a verdade da fala. Colocar-se no lugar do analista é operar com esse jogo sem adversário. É deixar que o outro jogue e só ele ganhe mesmo porque não há outro para ganhar. A interpretação que oferece significado, a interpretação na ordem hermenêutica estanca a emergência do sujeito em análise porque faz vigorar uma posição de acomodações imagísticas que mergulham o sujeito no amálgama das indiferenciações, que o tornam alienado de si mesmo.

Com essa ordem de interpretação, a psicanálise, até certo ponto, afasta o analista dos campos epistemológicos para situá-lo mais no campo da gnosiologia, onde os conceitos vigentes cedem lugar a uma livre produção de saber gerada na relação com o objeto. Falar aqui em objeto gnosiológico não implica de modo algum pretender reconhecer o analisando no lugar de objeto. Persiste sempre o fato de que o analista não pode posicionar-se enquanto o Saber, enquanto um ser de interação, pois qualquer posição dogmática coloca o analisando no lugar de anulação subjetiva (do sujeito), eliminando o que determina o processo analítico.

A prática analítica, portanto, não se fecha na conjuntura epistemológica, não se adequa às regras da ontologia, e o analista deve manter sempre a consciência (na inconsciência) dessa realidade, pois do contrário ele se abriga na impostura das relações de Senhor e escravo, de sujeito e objeto. Quando a psicanálise apresenta um "corpus" teórico e ao mesmo tempo mantém-se a questioná-lo, está trazendo à baila esse caráter escorregadio das conceituações, por isso cada analista no isolamento da destituição do seu ser, torna-se um teórico porque faz gerar um resíduo gnosiológico, de natureza significante, diretamente ligado à verdade particular de cada sujeito. Dissemos faz gerar e não **gera** um resíduo porque ao sujeito-suposto-saber, não são feitas concessões. Concessões à sua posição solitária. O analista fica só, ausente de si, só de si mesmo para que na solidão do seu ato uma verdade apareça, a verdade de cada analisando na singularidade que lhe é própria.

Prática analítica: busca de encontro: lugar de solidão.

NOTAS:

1. Freud, S. **"Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.**
In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio: Imago, s.d. v. 12, p. 150.
2. Lacan, J. **O desejo e sua interpretação.** Seminário inédito.
3. Trevisan, João Silvério. **Devassos no parafso.** 2. ed. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1986, pp. 96-7.